

BRASÍLIA, OBRA-PRIMA DO ANTROPOFAGISMO CULTURAL

Autor: Gabriel Dorfman - professor associado do Departamento de História da Arquitetura e do Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília

Palavras-chave: Modernismo. Urbanismo modernista. Arquitetura moderna. Brasília. Significado cultural de Brasília.

Resumo

O presente artigo aponta a cidade de Brasília como a mais bem-sucedida e mais importante realização do Modernismo no Brasil.

A comemoração do centenário da Semana de Arte Moderna se oferece como boa oportunidade para pôr em relevo algo que escapa à grande maioria dos brasileiros, que é o fato de a cidade de Brasília ser provavelmente¹ a mais importante realização e o mais importante legado cultural do "Modernismo" no Brasil.

Apresentada oficialmente ao mundo no ano 400 e uns quebrados da deglutição do bispo Sardinha, Brasília concretizou duas das (poucas) passagens prosaicas, objetivas e (justamente por serem prosaicas) facilmente inteligíveis daquele que até hoje é unanimemente celebrado como um dos textos seminais da cultura contemporânea brasileira²: o "exercício da possibilidade" e a luta contra as "escleroses urbanas".

O projeto de Lucio Costa para a nova capital do Brasil incorporou muitas das possibilidades divisadas pelos sanitaristas, urbanistas e arquitetos europeus, que, às voltas com as "escleroses urbanas" agudas que inviabilizavam a vida nas grandes cidades de seus países, vinham explorando desde a primeira metade do século XIX. Costa, o metabolizador da cultura caraíba (mais do que dos caraíbas propriamente ditos).

Que possibilidades eram essas? Em primeiro lugar, a de estabelecer uma relação harmônica entre cidade e natureza, ou, melhor, entre cidade e não-cidade; para isso, era imprescindível que se desse às cidades uma forma e, principalmente, um tamanho definido e limitado, pois só assim seria possível evitar que elas se expandissem desordenada e indefinidamente, devorando paisagens naturais e rurais, tal como cancros devoram as entranhas dos organismos que os hospedam, até levá-los à destruição final. Em segundo, a de estabelecer as condições para uma vida igualmente harmoniosa dentro dos ambientes urbanos, incorporando a eles porções generosas de espaços abertos e áreas verdes. Nessas duas possibilidades temos elementos essenciais do projeto de Brasília.

Ou seja: seguindo fielmente o preceito antropofágico, o projeto de Costa para a nova capital brasileira resultou da metabolização e do processamento de elementos presentes em escritos, debates e projetos

¹ O "provavelmente" decorre da prudência recomendável nos textos acadêmicos, considerando-se que não há como provar "cientificamente" a procedência de tal juízo. Mas, deixando de lado a prudência dos textos acadêmicos, esta é uma afirmação nada "científica" que o presente artigo se permite fazer: Brasília **É** a mais importante realização do Modernismo no Brasil, dentre outros motivos, porque ela segue seu curso como um organismo cada vez mais vivo e cada vez mais capaz de influir na cultura e nos rumos da nação brasileira.

² ANDRADE, Oswald de: Manifesto Antropófago *in* Revista de Antropofagia, no. 1, 1928

que arquitetos e urbanistas europeus (e estadunidenses) vinham produzindo havia mais de um século.³ Do choque entre um projeto de matriz predominantemente europeia e um contexto de implantação muito diferente daquele que havia gerado as ideias contidas no projeto, resultou um objeto singular, suficientemente inesperado e surpreendente para satisfazer a ânsia novidadeira dos profetas do Modernismo, tanto a dos discípulos autóctones quanto a de seus mentores estrangeiros.

Não são os aspectos pertencentes ao campo mais estrito da arquitetura e do urbanismo, no entanto, que fazem de Brasília a obra mais importante e o legado mais duradouro do modernismo no Brasil. É a dimensão cultural presente no âmago do projeto da cidade que faz dela a realização mais importante e mais bem-sucedida da cultura brasileira do século XX. É justamente aí, em sua dimensão cultural, que Brasília vem-se afirmando em seus poucos anos de existência como referência e marco fundamental da história do Brasil.

Em que momento da concepção de Brasília reside a matriz dessa sua predominante dimensão cultural? No momento em que Costa optou por se conduzir mais como um artista do que como um planejador urbano, privilegiando nos traços *primários*⁴ da nova capital os aspectos estéticos e simbólicos, em detrimento dos aspectos estritamente (e estreitamente) prático-funcionais da nova cidade. Justamente aí, onde reside um dos alvos prediletos que os mais ferozes críticos do projeto de Costa costumam usar para atacá-lo, está a maior virtude do projeto, a fonte de sua força e vitalidade. Ao compreender claramente que a tarefa que tinha nas mãos dizia respeito muito mais à representação de valores, objetivos e ideais de uma NAÇÃO do que ao equacionamento das necessidades cotidianas dos habitantes da nova cidade, e que, correspondentemente, a satisfação de tais necessidades corriqueiras teria que estar hierarquicamente subordinada ao atendimento daquela elevada necessidade de representação, Costa garantiu à cidade que projetou o lugar de destaque que ela está destinada a ocupar no imaginário dos brasileiros, desde que ela veio ao mundo meia dúzia de décadas atrás.

Paradoxo: como pode ser que um objeto em larga medida concebido atendendo a um princípio milenar da tradição arquitetônica e urbanística ocidental se tenha convertido na mais importante realização de uma corrente cultural que pugnava exatamente pelo oposto a isso, ou seja, pela negação radical e programática de tudo o que fosse sequer aparentado com elementos herdados do passado? Pois é justamente aí, nessa decisão dissonante de Costa em relação à pregação monocórdia dos panfletos de celebração dos novos tempos e de ruptura radical com o passado⁵, que se encontra o núcleo de sua antropofagia: levando o preceito antropofágico ao pé da letra, Costa não hesitou em incorporar ao seu projeto de uma cidade "moderna" (ou "modernista") algo que havia devorado na observação daquela tradição de milênios - a noção de que as cidades em geral, e especialmente as capitais, quando verdadeiramente *projetadas*, vêm ao mundo para projetar as *fantasias* dos povos que as constroem⁶.

³ DORFMAN, G.: Notícias d'A mais bela capital do Brasil; Rio de Janeiro, 2a. edição, 2018

⁴ "... o gesto primário de quem assinala um lugar ou dele toma posse ..." - frase famosa por meio da qual Lucio Costa descreveu o ponto de partida de seu projeto.

⁵ A começar pelo "Manifesto Futurista" de Tommaso Filippo Marinetti, de 1909, óbvia matriz do Manifesto Antropófago acima citado.

⁶ A designação "ilha da fantasia", sempre assacada pejorativamente contra a cidade, pode também ser lida à maneira poética do autor do Manifesto Antropófago.

Fantasia ambiciosa como, por exemplo, a de afirmar o princípio da igualdade por meio da deliberada semelhança entre as moradias postas à disposição dos cidadãos; ou, então, a de afirmar um ideal de democracia por meio de um conjunto arquitetônico cujo foco é ocupado por algo vulgarmente (e às vezes demagogicamente) denominado "casa do povo". Fantasia modesta, também, como a de criar ambientes de vida pacíficos onde são as máquinas que devem interromper suas trajetórias para que os pedestres passem, e não o contrário; ou, então, a de pôr essas mesmas máquinas a descansar para que os cidadãos possam fruir de um parque de quilômetros que atravessa sua cidade de ponta a ponta, lembrando-lhes assim que cidades são construídas para pessoas, e não para geringonças motorizadas barulhentas e ameaçadoras⁷.

Aprendendo com Brasília: lenta e progressivamente, a cultura urbana que viceja ali gera frutos que vão sendo exportados para as demais cidades do país, as quais, de maneira às vezes um tanto quanto desajeitada, tentam reproduzir no meio de grotescos desfiladeiros delimitados por arquiteturas banais⁸ amenidades que só são plenamente possíveis em uma cidade concebida como um parque.

Moderno, sim, mas, acima de tudo, antropofágico: o projeto de Lucio Costa para Brasília implantou sua síntese de "rodoviarismo", setorização funcional(ista), preocupação com a salubridade dos ambientes urbanos e com o equilíbrio entre o urbano e o não-urbano sobre uma estrutura e dentro de uma moldura de intenções estéticas e simbólicas, não deixando a menor dúvida de que, nesta obra *de arte* (como em qualquer outra obra que mereça tal designação), o papel principal cabe ao simbólico e, especialmente, ao estético.

O gesto primário de Costa deu forma a uma aldeia vanguardista que veio ao mundo para ser simplesmente bela, recheada de gramados e bosques que ainda aguardam o momento de serem convertidos em verdadeiros JARDINS. Aldeia habitada por uma tribo singular, que constrói sua identidade com falas e hábitos devorados das tribos espalhadas em todos os recantos do país. Tribo que, enquanto ali vive, vai lentamente aprendendo a noção elementar, básica em qualquer civilização que mereça ser assim chamada, de que cidades são construídas para que seus habitantes se tornem SUJEITOS capazes de fruir esteticamente do ambiente em que vivem, ao invés de se tornarem metáforas de aves poedeiras empoleiradas em grotescos galinheiros de cimento e vidro, totens erigidos em honra ao deus das máquinas registradoras.

Do resto, a natureza do Cerrado haveria de se encarregar. Especialmente seu clima: comparado com o clima reinante na totalidade dos países que foram as matrizes das idéias devoradas por Costa enquanto concebia sua obra de arte, o clima de Brasília pode ser considerado um eterno verão. Às vezes seco, castigado por ventos tão implacáveis quanto os que sopram nos recantos mais áridos do mundo, às vezes chuvoso, assolado pelos raios e trovões de um Tupã enfurecido, mas sempre ameno o suficiente para permitir que a tribo dos brasilienses atravessasse os doze meses do ano em mangas de

⁷ Pouco importando que tenha sido o próprio Costa, deslumbrado com tais geringonças em uma época em que tal deslumbramento era ainda possível, quem determinou na vida cotidiana da nova cidade uma excessiva dependência daquelas geringonças. Graças à generosidade de seus espaços, Brasília pode rapidamente corrigir essa falha congênita; como costuma acontecer com os organismos vivos e com as verdadeiras obras de arte, Brasília tem-se mostrado capaz de superar muitas das limitações de seu criador, revelando ao mundo dimensões e possibilidades das quais nem ele estava plenamente consciente - mais antropofagia, portanto: a criatura mostra-se capaz de engolir seu próprio criador.

⁸ DORFMAN, G.: São Paulo, cidade feia *in* UnB Notícias, Brasília, 23 de março de 2022

camisa (a não ser o punhado de membros da tribo que passam a vida distantes da natureza, envergando panos coloridos atados ao pescoço, enfiados em salas herméticas de clima artificial); esse clima benfazejo, dado de mão beijada para Costa, foi decisivo para o admirável enraizamento de Brasília em seu sítio⁹.

Uma delicada cruz de matriz racionalista, resultante do *gesto primário* de um antropófago embalado por devaneios estéticos, cria raízes e viceja em pleno Cerrado, enquanto grotescos monstros arquitetônicos, ansiosos por devorá-la, apertam o cerco em sua volta - eis aí uma imagem digna das melhores *boutades* poético-literárias de Oswald de Andrade.

⁹ DORFMAN, G.: Notícias d'A mais bela capital do Brasil; Rio de Janeiro, 2a. edição, 2018